

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón em ligação vídeo a partir de Milão, 21 de outubro de 2020

Texto de referência: J. Carrón, Vês só aquilo que admiras, apontamentos da Jornada de Início de Ano dos adultos e dos universitários de Comunhão e Libertação, e J. Carrón, O brilho dos olhos. O que é que nos arranca do nada? 2020, capítulo 5. A relação com o Pai, (pp. 101-121).

- *Le stoppie aride*
- *Be Thou My Vision*

Gloria

Olá a todos! Recomeçamos o nosso percurso de EdC por vídeo conferência.

Para podermos estar como homens diante da pressão do desafio do Covid 19, nada é mais pertinente do que encararmos o tema de como aumentar a familiaridade com o Pai: “Que caminho escolheu o Pai para nos introduzir à relação profunda e familiar com Ele? Enviou o seu Filho, tornando-o presença identificável por nós, a fim de que no Filho feito homem por obra do Espírito Santo pudéssemos “ver” a que relação de intimidade com Ele nós somos chamados e que novidade isto introduz na forma de olhar e de tratar todas as coisas. Como é que o homem Cristo introduziu aqueles que o ouviram falar e o viram agir à consciência da pertença ao Pai? Cada gesto seu, cada coisa que dizia, cada olhar seu era investido, plasmado pela consciência do Pai, documentava a consciência do Pai. «Cristo, como homem, era totalmente determinado por esta consciência, tanto assim é que pode dizer: ‘Eu e o Pai somos Um’ (Jo 10,30)» (O brilho dos olhos, pag 104-105).

Mas para poder viver a relação com a realidade como a vive Jesus é preciso vê-la acontecer. E, como sabemos, nem sempre nos acontece ver. Por isso, uma pergunta que surgiu com muita força na Jornada de Início de Ano foi: “Porque é que não vejo?”.

Na Jornada de Início de Ano, o Mikel Azurmendi, a certa altura da entrevista, está a falar sobre o que lhe aconteceu, e diz: “Tinha isto ao alcance da mão, porque não vi?” (cit. In Vês só aquilo que admiras, pag16). Perguntei-me: porque é que também eu muitas vezes não vejo o que acontece comigo na realidade como uma coisa que vem de Deus, mas rapidamente o atribuo ao “acaso”? Refletindo sobre os exemplos que nos foram apresentados, o cego de nascença e o Azurmendi, é natural para mim pensar que ambos estavam numa posição de total abertura: o primeiro quando adquire a visão que antes não tinha, o que é uma grande evidência; o segundo estava no hospital com a convicção de que ia morrer e ouve uma coisa que o desperta total e repentinamente, tanto que chega, frequentando essa coisa, a encontrar na sua experiência a resposta à pergunta “Pode-se viver assim?”. Porque é que então não é assim comigo? Tal como o Azurmendi, percebo que também eu estou cheio de camadas e camadas de preconceitos – devido à permanência de anos na experiência do movimento –, que nos impedem de ter uma posição genuína face à realidade. Ou seja, eu “sei” muitas coisas que não me ajudam a enfrentar o que acontece com a franqueza e a lealdade que são típicas de quem tem “fome e sede”, de quem tem vontade de descobrir o que está para além da aparência. Então eu pergunto-te: como é que nos podemos ajudar a arrancar todas aquelas camadas que não ajudam o nosso caminho como homens? Falaste em “olhar” como um ponto de partida essencial para iniciar este caminho humano. Como voltar a ter a simplicidade de um olhar sem preconceitos? Obrigado pelo caminho que nos levas a fazer.

Agradeço-te por esta pergunta, que o próprio Azurmendi se tinha feito e que me tinha impressionado muito também a mim: “*porque não vi?*” (cit. In *Vês só aquilo que admiras*, pag16). Muitas vezes, apesar de vivermos na experiência do Movimento há anos, podemos não ver – como tu dizes – porque é como se nos tivéssemos equipado para nos defendermos da novidade, devido a um hábito das coisas, como uma camada – um “esquema”, diz don Giussani no 1º capítulo do *Sentido Religioso* – que se sobrepõe ao nosso olhar. Mas aquilo que impressiona é que, qualquer que seja esta camada, este acumular de preconceitos, se uma pessoa se deixar verdadeiramente tocar por aquilo que o Mistério faz acontecer diante dos seus olhos, vê serem-lhe retiradas todas as camadas de que estava cheio.

*Cheguei à Jornada de Início de Ano estranhamente tranquila. Digo isto porque sendo uma pessoa inquieta e cheia de perguntas, fiquei espantada e ao mesmo tempo preocupada com esta atitude. Quando chego assim às coisas, quer dizer que criei uma parede de gelo à minha volta para não me deixar perturbar por nada. Em suma, estava perfeitamente alinhada com a questão do niilismo que recentemente estamos a abordar. Sento-me, e surge no ecrã: “Vês só aquilo que admiras”. Primeiro golpezinho no gelo. A frase chega como um raio num céu sereno e eu estou indefesa, sem escudos para poder usar. Ainda que inerte, acende-se a minha curiosidade, mas também a vã esperança de que aquela plana tranquilidade possa continuar, porque não tenho mesmo vontade de enfrentar o que dali virá. Apareces tu, Carrón, e dizes: “Deus não pode fazer nada sem uma abertura nossa, sem uma disponibilidade nossa”. Já estava pronta para fugir! Há algumas semanas que estava a viver assim: sempre que se apresentava diante de mim um sinal, alguma coisa graças à qual tinha de me mexer e de olhar, refugiava-me em mil coisas para fazer e noutros tantos discursos que teriam confundido até o melhor dos oradores. Mas a parede de gelo ainda é espessa, por isso podemos continuar. Chega o diálogo com Arzumendi, que a dada altura diz: “Esvaziar-se significa estar disposto a ouvir dizer qualquer coisa, e a não dizer nada. Tu estás ali para receber alguma coisa. Se não te esvazias, não recebes nada. [...] Esvaziar-se significa estar disposto a ser amado” (cit. in *Vês só aquilo que admiras*, pp.24-25). Mais do que um golpezinho, isto foi verdadeiramente uma chama para fazer derreter a calota glaciária. Mas mesmo todo este dar-me conta de como me estava a comportar não tinha ainda feito cair completamente o muro. Quando, a certa altura, citando don Giussani, nos dizes: «“... o Senhor também atua através de leves brisas. [...] Ainda que seja através duma leve brisa, [...], por um momento, o homem apercebe-se de uma atração, de uma sugestão, tem a intuição de alguma coisa mais bonita, mais correspondente, melhor”. [...] É aí, a respeito daquele momento, que se joga toda a luta contra o niilismo, no estarmos disponíveis para identificar e seguir aquela “brisa”». (cit. in *Vês só aquilo que admiras*, pp. 33-34). Derretida e desarmada! A minha vida é constantemente salva por aquela brisa, por aqueles momentos que te arrancam do buraco que tu próprio escavaste e onde caíste para te fazer continuar a caminhar. Mas, em relação a isto, queria perguntar-te uma coisa: por que razão é que, apesar destes momentos que nos salvam do nada, nos obstinamos em não olhar para eles ou só lhes damos crédito pelo tempo necessário para recomeçar? Não me escandaliza tanto o esquecimento ou o facto de sermos continuamente agarrados de novo, quanto talvez a teimosia com que continuamos a fugir, apesar de, na vida, termos sempre experimentado o calor deste grande abraço que nos salva e nos liberta, todo o santo dia. Obrigada por nunca te cansares de repetir e de nos agarrar de novo.*

Como veem, uma pessoa pode chegar à Jornada de Início de Ano como tu dizes: com uma “parede de gelo” à sua volta, sem disponibilidade para se deixar perturbar por nada. Mas o que é que aconteceu? Como ouvimos, o Mistério não deixou de tomar iniciativa em relação a ti ao longo de toda a Jornada de Início de Ano. Primeiro o título – “Vês só aquilo que

admiras” –, que não te deixa indiferente (o “primeiro golpezinho no gelo”). Segundo, “Deus não pode fazer nada sem uma abertura nossa, sem uma disponibilidade nossa”. Terceiro, o esvaziar-se de si mesmo, significa “estarmos dispostos a ser amados”. Por fim, “o Senhor também atua através de leves brisas”. Todas as camadas de gelo não conseguiram resistir a esta constante iniciativa do Mistério para contigo, a ponto de ficares “derretida e desarmada”. Então, não devemos preocupar-nos, devemos simplesmente, quando acontece – porque no fundo é sempre uma graça, é sempre uma iniciativa Sua –, deixarmo-nos derreter, deixarmo-nos desarmar. Porque aquilo que viveu a nossa amiga tal como no-lo contou de forma tão bonita, foi o diálogo estabelecido entre o Mistério e ela durante a Jornada de Início de Ano. Da mesma maneira o Mistério continua a interagir com cada um de nós. Mas por que razão – pergunta no fim – nos obstinamos a não olhar para aqueles momentos que nos arrancam do nada e não lhes damos um crédito permanente? Porque somos livres. Ele, com efeito, não quer impor-se a nós, não quer espezinhar a nossa liberdade e, portanto, arrisca, espera, dando-nos tempo, para que aos poucos possamos render-nos – livremente – àquela evidência que nos prende cada vez mais. A questão, como vemos, é que cada vez que experimentamos uma coisa como a que foi descrita pela nossa amiga, as coisas não acabam ali. Como é que isto continua, depois, no quotidiano?

Na Jornada de Início de Ano tive logo um embate negativo com o título “Vês só o que admiras”. “Irritou-me” porque, olhando à volta neste período, não há muito para admirar: esta nova fase da pandemia parece-me pior que a primeira; antes tudo me parecia “longínquo”, apesar de o confinamento ter sido pesado. Mas agora começam a ficar doentes, ainda que não gravemente, pessoas próximas, do meu bairro; depois os meus filhos que estão na escola, com o ensino à distância, uma semana presencial e uma toda em casa, online, é muito duro. Cada um dos meus filhos tem os seus problemas, e como mãe, parece-me que devo chamar tudo a mim. E por aí fora. Como é que faço para me levantar e levar os meus filhos a olhar o dia de forma positiva, quando eu própria não acredito lá muito nisso? Entretanto, na semana passada estive com dois grandes amigos chegados do estrangeiro; encontrámo-nos para tomarmos o pequeno-almoço e falámos de como vai a vida. E eu contei as coisas que me estão a acontecer e falando da Jornada de Início de Ano, disse: “Não vejo nada para admirar neste período, só problemas”, e pergunto: “O que é que tenho de fazer para admirar?”. Um deles disse-me: “A pergunta não é: «O que é que tenho de fazer?», mas: «Tu, o que é que admiras?», e disse-me: «Nas coisas que nos contaste há pelo menos quatro factos que se vê que “admiraste”, pensa lá e diz-nos!”. Então comecei a lembrar-me do que lhes tinha dito e que o primeiro facto que tinha contado era de uma manhã em que o meu marido, para ajudar uma filha nossa que tem dificuldade, na semana em casa, em seguir as aulas online, levou-a consigo para o escritório para a acompanhar de perto, depois almoçaram fora e ela voltou para casa felicíssima. O segundo facto é este: eu sou professora na universidade, os alunos que vêm presencialmente às aulas são pouquíssimos, a maior parte está ligada de casa ou de fora, no entanto o rosto daqueles poucos na sala de aula ficou-me marcado, de tal modo que dava a aula a pensar no Azurmendi que é leal com aquilo que a realidade lhe põe à frente e adere. Diz-me o outro amigo: “faltam-te pelo menos mais dois factos!”. Isto para dizer que aqueles amigos foram naquela manhã a minha “tribo” (para usar um termo do Azurmendi) especial: fizeram-me ver o que eu não estava a ser capaz de ver, fizeram-me apreciar melhor a realidade. Precisamos de nos ajudar uns aos outros a olhar, é esse o valor da nossa amizade e estou grata ao Senhor que me introduz na relação com Ele através deles (como Ele próprio mandou o Filho para chegar a Si). Este é o mesmo trabalho que vejo em ação na diaconia do CLU, onde tu nos ajudas a ver aquele “algo mais” nos factos que contamos. O desafio é precisamente aprender a ver, aprendermos

juntos, a partir destas fendas que se abrem dentro da realidade, a viver intensamente o real sem ficar pela aparência das coisas. Azurmendi a um certo ponto da entrevista, diz: “Só há uma explicação para este facto [da vida das pessoas que descreve]. [...] A verdade produz vida. Este estilo de vida é produzido por alguma coisa: dizem que é Jesus Cristo. Se eu preciso desta vida, se é objeto de admiração para mim, tenho de olhar com admiração para o motor que move esta vida.” (cit. in Vês só aquilo que admiras, pp.29). Eu desejo isto: olhar este motor que move a vida. Lembrei-me deste pequeno-almoço em todos os dias que se seguiram e, durante o dia, procurava reconhecer o ouro na lama. Quase por acaso, a Missa do dia dos meus anos recordou-me que a minha vida existe e é dada para um bem, que a realidade existe e é um bem, como disse o padre que a celebrou. Agradeço-te. Estão a ver? Isto é uma prova daquilo que lemos no Gerar rasto na história do mundo: “Que intensidade é prometida à vida de quem apreende, momento a momento, a relação de tudo com a origem! Cada momento tem uma relação definitiva com o Mistério, e por isso não se perde nada: existimos para isto e é esta a nossa felicidade. “(Gerar rasto na história do mundo, Paulus, Apelação 2019, pg 28). Como tu dizes, quando nos damos conta daquilo que temos diante dos nossos olhos começamos a apreciar mais a realidade, tal como tu a apreciaste mais quando os teus amigos te abriram os olhos para aquilo que tu própria lhes tinhas dito, mas de que – como tantas vezes nos acontece – não te tinhas dado conta. É este o valor da nossa amizade: ajudarmo-nos a olhar. Não se trata de nos autoconvencer-nos uns aos outros de alguma coisa que não existe, mas de nos introduzirmos à realidade sem ficarmos, como tu dizes, na aparência. E só se tu o fizeres em primeiro lugar, poderás depois ajudar os teus filhos, os teus alunos e aqueles com quem depois o Mistério te coloca em relação ao longo do dia.

Mas às vezes estes sinais parecem-nos muito pequenos comparados com o drama que estamos a viver (Covid, crise laboral e económica, situação do mundo). Não é demasiado pouco ouvir um programa de rádio ou ver sinais como aqueles de que falou a nossa amiga para enfrentar este desafio? Que valor têm estes rebentos diante de dramas enormes? Parecem pouca coisa. Por exemplo, que valor teríamos dado à cura do cego de nascença se tivéssemos vivido no contexto total do Império Romano? Parece um nada. É como se muitas vezes nós enfrentássemos estes desafios sem que estes sinais nos possam perturbar ou oferecer uma resposta à situação dramática que temos de enfrentar. Como me escreve uma amiga: “Depois de um dia de trabalho bastante exigente, levo os meus filhos ao parque e encontro outras mães do Movimento que tinham tido a mesma ideia. Chega também uma rapariga que eu nunca tinha visto e uma das minhas amigas diz-me: «Apresento-ta! Conheci-a aqui no parque há alguns meses. Vinha sempre com os filhos, conhecemo-nos por acaso, e depois de algumas semana de encontros casuais, trocámos números de telefone e ela começou a perguntar-me porque é que eu conhecia tantas mães e crianças; fez-me um monte de perguntas sobre a creche e sobre o facto de pertencermos todas ao Movimento de CL, e daí nasceu nela muita curiosidade até porque, como costuma ir à Paróquia, lhe interessava muito conhecer pessoas que tivessem fé e quisessem educar os seus filhos de uma determinada maneira». Então aproximei-me e apresentei-me. É uma pessoa fantástica! No meio de muitos assuntos surge o tema da escola, e o seu desejo de inscrever os filhos na escola onde andam os nossos, disposta até a fazer sacrifícios económicos, porque, para ela e o marido, era uma coisa muito importante. Fico impressionadíssima, despedimo-nos, trocamos números com o desejo de nos voltarmos a ver. Estavam também outras mães amigas no parque e fui despedir-me delas antes de voltar para casa. Estavam todas aflitíssimas e muito incomodadas porque um pai lhes tinha falado do Covid 19 e das consequências catastróficas que nos esperam nos próximos meses. Eu pelo contrário estava contentíssima porque me dei conta de que aquela rapariga que encontrei me tinha aberto o olhar: o que era incrível era que nela o medo não estava a vencer. Tinha partido do facto

de ter visto uma forma diferente de estar no parque de algumas mães, e, embora com sacrifícios económicos decide mudar os filhos para uma escola particular neste momento histórico em que o Covid 19 pode até obrigar-nos a outro confinamento e a crise económica nos tolhe os movimentos. Mas do que é que ela se deu conta? Na Jornada de Início de Ano tu disseste: «Onde pode cada um de nós encontrar algum indício que lhe permita reconhecer a vitória do ser sobre o nada? [...] Mas a escolha do cego de nascença não é uma escolha ideológica, não é o tomar um partido, pois é o reconhecimento da evidência de ver que o leva a reconhecê-lo. [...] Quando estamos diante de alguma coisa que é capaz de mudar a vida (como mudou a do cego de nascença), não há comparação possível» (pag 8-9). Para mim o encontro com aquela rapariga foi a graça desta evidência: quando estamos diante de uma coisa que pode mudar a vida não há comparação possível, este reconhecimento vence tudo”.

Será que, nesta situação dramática estamos a dar um valor excessivo, estamos a sobrevalorizar estes pequenos sinais (o cego de nascença, o programa de rádio, um amigo que me ajuda a ver, uma jovem mãe encontrada no parque)? Não, porque todos estes factos ainda que pequenos são o sinal daquela Presença de que falava Azurmendi. Ou seja, só há uma explicação para o acontecer destes factos, e é Cristo. Isto, sim, pode desafiar qualquer situação, mesmo aquela que estamos a enfrentar nestes tempos em todo o mundo. Por isso percebo bem que a amiga que interveio há pouco esteja grata porque o Mistério a introduz na relação com Ele através dos amigos, como os dois que chegaram do estrangeiro. Através destes pequenos factos entramos em relação com Ele, com efeito é necessário que o Verbo se tenha feito carne e habite no meio de nós para que aconteçam estes factos, como o encontro com aquela mãe no parque. E isto não é só uma coisa ocasional que acontece por acaso, porque nesta modalidade há qualquer coisa que é preciso apreender, da qual é preciso dar-mo-nos conta.

Há treze anos encontrei um militar com o qual durante muito anos tive uma relação quase “solitária”, indo ter com ele à cidade onde vive, convidando-o para a tua Escola de Comunidade, para o Meeting no Verão, etc. Houve também uma fidelidade da sua parte a esta relação, mas que é como se nunca tivesse gerado, aparentemente, estabilidade e fecundidade, não se tornando ponto de encontro também para outros. Há seis anos, veio trabalhar para a mesma cidade uma família em que o marido e a mulher tinham conhecido o Movimento nos liceus, mas que se tinham afastado. Contudo, passados alguns anos, o marido voltou para o Movimento e algum tempo depois também a mulher voltou; então o meu amigo militar e esta família conheceram-se e a partir daí começou, lentamente mas de forma segura, a existir um ponto de encontro para toda a cidade, iniciando-se uma Escola de Comunidade, sempre com convite para jantar para todos os que quisessem (assim o Covid permita), convites a várias pessoas da cidade, incluindo o presidente da Câmara, para um jantar a partir do talk show sobre o trabalho feito no Meeting, apoio escolar para os miúdos da cidade, envolvendo outros professores e um círculo social que cede instalações gratuitas, o Banco Alimentar. Diante disto, percebi que estava a admirar o que vejo acontecer; primeiro vi, depois percebi que via porque estava a admirar, e então decidi seguir esta coisa. Depois de mais de quarenta anos de Movimento, pareceu-me claro aquilo que na Jornada de Início de Ano me tornou consciente como método; ou seja, a descrição que Azurmendi faz de seu encontro não é só a modalidade inicial a partir da qual tudo o resto acontece, incluindo as obras, mas o método de Deus, porque sem esse contínuo espanto ou admiração não vejo o que Cristo faz acontecer à minha frente, ou melhor, não vejo o Seu acontecer. Por isso não há consequências operacionais funcionais ou indicações específicas depois, mas da própria possibilidade de ver, como para eles, nasce o trabalho, com uma criatividade, aliás, absolutamente nada óbvia.

Durante anos foste ter com aquele amigo e parecia inútil porque não surgia nenhum fruto além de um belo relacionamento entre vocês. Depois, de repente, com a chegada deste casal, começou a florescer aquela amizade até chegar às obras. Aqui volta a acontecer o caminho de que falámos na Jornada de Início de Ano: primeiro uma pessoa vê porque admira e depois segue. É este o método que não diz respeito apenas ao início como aconteceu, de várias maneiras, a quem interveio esta noite. Cristo continua a estar presente na história tomando a iniciativa e documenta na nossa vida o método através do qual se torna presente – e assim pouco a pouco a Sua relação connosco torna-se familiar – para nos levar ao Pai, como fez com os discípulos. Só nesta convivência com Ele, que nós vivemos como a viviam os discípulos, é que, a pouco e pouco, na relação com o Mistério floresce uma humanidade nova, floresce até às obras, não é simplesmente uma coisa que fica entre aqueles amigos: começam a propor a Escola de Comunidade aos outros, a fazer caritativa em apoio escolar para os miúdos da cidade, a envolver outros, etc. Começa a acontecer uma novidade que incide sobre toda a cidade: do ver admirando, ao seguir até à obra.

Mas muitos perguntam-se: “E agora que estamos diante de novas restrições impostas pela pandemia como é que podemos continuar?”. Também nesta situação, seguindo o método de Deus, um método que pode encarnar-se nas mais variadas formas.

“Também o meu confinamento, como o de muita gente, não foi fácil. Ainda mais porque vinha de uma situação bastante complicada. Um dia, estava ao telefone com uma grande amiga minha, contava-lhe as dificuldades do momento e ela convidou-me a ligar-me à Escola de Comunidade através do Zoom sem nunca me explicar o que é que era. Aceitei, mas liguei-me sem vídeo e sem áudio, porque sou tímida e envergonho-me. Ouvi falar do “Brilho dos olhos”, do niilismo, do nada... Não percebia muito. Alguma coisa, no entanto, deixou-me curiosa, de tal forma que, mal acabava um encontro, começava a esperar o seguinte. Quanto mais participava, mais me sentia parte de qualquer coisa, de um grupo. Nos grupos a última a chegar é sempre aquela a quem mais custa, pelo contrário eu, desde a primeira ligação, senti-me acolhida, embora não conhecesse ninguém. Um dia ouvi o encontro do Carrón sobre a esperança [“De onde nasce a esperança?”, Meeting de Rimini special edition, 20 de agosto 2020], e abriu-se-me o coração. Que belo ouvir falar de esperança, porque sem a esperança e sem a fé a que é que nos podemos agarrar? Eu sinto-me uma privilegiada apesar de tudo aquilo que me aconteceu na vida. Sinto-me amada, como se alguém pusesse a mão na minha cabeça para me proteger. Isto aconteceu depois que vos encontrei no Zoom. Enfim, vi o vídeo do Azurmendi. Wow! Que tipo fantástico! Vi-me um pouco nele. Ele encontrou o Movimento ouvindo rádio, eu no Zoom. Mas aconteceu-nos a mesma coisa: fomos privilegiados. Sinto-me mais serena depois que vos oiço, e tantas coisas da minha vida estão a mudar, até a relação com os meus filhos. Às vezes não me reconheço! Eu não era assim. Sempre fui aquela maluca, desregrada. Agora não. Talvez antes tivesse uma máscara, mas agora sou a verdadeira eu”.

Agradeço-te. Tu encontraste o Movimento há pouco e – como veem – via Zoom.

Sim.

Isto é uma ajuda para todos nós, porque não há nada de previsível no que respeita à forma com que o Mistério nos pode alcançar. Por isso, a única questão é se estamos disponíveis tal como tu nos testemunhaste: ainda que no início ela só conhecesse a sua amiga, ficou logo presa àquele lugar no qual, depois, surgiram com ainda mais força a fé e a esperança de que precisa para viver e enfrentar a sua vida, que não é fácil. O ponto é se nós estamos verdadeiramente disponíveis para nos deixarmos surpreender pelo Mistério, porque não sabemos previamente o “como”. O Evangelho documenta-o de muitas formas: Jesus podia ser encontrado por um que estava em cima de uma árvore, por outra que estava junto do

poço, por um outro que estava na estrada ou no Templo, na Sinagoga ou numas bodas. Qualquer meio ou lugar ou situação pode ser usada por Deus para falar connosco, para bater à nossa porta. Esperemos que, como ela, possamos estar assim disponíveis para nos tornarmos cada vez mais filhos.

Queria pedir-te uma ajuda sobre o conceito de filiação. Como é que este sentir-se filho é concretamente de ajuda para permanecer na consciência cristã? Na minha vida, a consciência que Deus é pai parece-me uma coisa que não influi realmente nos meus dias e no meu modo de olhar a realidade; por isso gostaria de perceber melhor o que é que quer dizer sentir-se filho.

Já esta noite ouvimos alguma coisa sobre isto, sobre como entrar na realidade com esta consciência começa a mudá-la. Vamos ouvir como é que outros descobriram o que significa sermos filhos.

Olá, leio o que te escrevi depois da Equipe do CLU de setembro: «Não nos ardia o coração cá dentro enquanto conversava connosco pela estrada e nos explicava as escrituras?». Queria partilhar contigo, cheia de gratidão, o impacto do dia de sábado com o CLU. Pequena premissa: nos anos da universidade, o meu pai, diante de uma série de dificuldades minhas, disse-me, como se falasse consigo próprio «nós podemos apoiar toda a vida em Cristo, porque Cristo é real». Pois bem, há alguns dias atrás, diante das dificuldades habituais de relação, que sofro mil e uma vezes, de repente lembrei-me daquela frase. E percebi que não estava a desafiar Cristo àquele nível. É fácil falar de entrar na realidade, de viver intensamente o real, falar da carnalidade de Cristo ou do amor de Cristo por mim, sem viver tudo isto: pensando vivê-lo, mas sem o viver. Mas fazê-lo entrar de verdade – não no sentido moralista de dizer “Jesus” antes de uma ação, mas verificar na realidade se Ele (feito carne!) vence! – este é o desafio. Quando me dei conta daquilo que estava a perder pelo caminho, realmente aconteceu o que se contava hoje na assembleia: pus-me de novo a seguir, a voltar ao lugar em que a vida é mais vida (banalmente, a recomeçar o trabalho sobre O Brilho dos Olhos). E quando me liguei à Equipe, que alento, que carne, que vida! Como tu dizias, ainda não vês a vitória em ti, mas vê-la no outro: homens vivos que eu olho, totalmente agarrada e cativada pela intensidade de vida que perdi pelo caminho e que eles me testemunham. Foi a derrota completa. Diante d’Ele que acontece, o coração enche-se de uma plenitude inimaginável, impensável, e todas as dúvidas, limites, são totalmente anulados no sentido em que torna evidente que nada, nada, nem mesmo o meu mal é objeção a esta relação de amor dentro da qual a vida assume uma intensidade não imaginada e inimaginável. A relação com Cristo, Deus que se faz carne numa história tão concreta que é feita de rostos e de história. Estou cheia de comoção e dou-me conta que esta comoção – não sentimental, mas profundamente real – é como uma flor estupenda e frágil que se arrisca já agora, já agora neste instante em que escrevo, a ser quebrada pelo vento do esquecimento. Mas não tenho medo: sei que Ele me voltará a agarrar, como faz sempre. Quero, contudo, olhar o mais possível para o que aconteceu e rezar ao Senhor que faz tudo que sustente esta disponibilidade que se abriu hoje como resposta grata do meu coração a Ele que me agarrava toda. É uma vida inimaginável.

Estão a ver? A filiação, mais do que um conceito a perceber, é uma experiência que uma pessoa tem de reconhecer porque jorra de dentro de si. Ela, participando daquele momento do CLU, viu explodir dentro de si, este alento, esta vida, esta plenitude – “a vida adquire uma intensidade não imaginada e inimaginável” –, e por isso está cheia de comoção. Esta é a filiação que se torna experiência em nós. Mas qual é a origem desta experiência? Como é que se pode participar nesta filiação? Como ela fez: a origem desta vida, desta filiação, é

o seguir. A um certo ponto, ela disse: “Pus-me de novo a seguir, a voltar ao lugar em que a vida é mais vida”. É simples. É válido para cada um de nós. Como dizia antes a nossa nova amiga: continuou a ligar-se via Zoom; assim que acabou a primeira ligação já estava à espera da seguinte. É como se se tornasse filha daquele lugar porque ele a gera, como podes fazer tu ou posso fazer eu, tal e qual. Porquê? Pela conveniência humana desta filiação. Quem é que a descobriu como sendo conveniente para si?

Há 15 anos, morreu a minha mãe, com apenas 53 anos, depois de uma longa doença. Foi um período muito doloroso, a minha vida sofreu uma reviravolta, todos os meus projetos e desejos se esfumaram no nada, dei por mim sem mãe, com uma casa para governar e um pai a quem acudir. Claro que tive muitos amigos que me fizeram companhia, mas nenhum deles conseguia preencher o meu vazio. Fui sempre crente e praticante, mas diante de tudo o que me estava a acontecer, tinha dificuldade em aceitar, tentava encontrar a solução e a resposta para tudo. O resultado? Insatisfeita, cansada e desconfiada, interrogava-me continuamente: o que é que Cristo quer de mim? Há cinco anos decidi mudar de trabalho, e foi aí que encontrei o Movimento de CL. Levada pela curiosidade, comecei a participar nos gestos e encontros que o Movimento me propunha. Dava-me gosto até apenas olhar para alguns deles, com olhos tão luminosos, que eu não consegui esquecer, aliás, era através daqueles olhos que no dia seguinte e ainda no outro a seguir encontrava a força e a coragem para enfrentar as várias dificuldades. Comecei a fazer experiência de como Cristo me estava a agarrar de novo, da Sua carnalidade, através de uma companhia que não tinha escolhido eu. Ainda que esteja no Movimento há mais de quatro anos, só agora decidi inscrever-me na Fraternidade. Não gosto de fazer as coisas de forma mecânica, várias vezes tive o desejo de me inscrever, mas também tive algum medo, queria que o meu «sim» fosse maduro, livre. Nada acontece por acaso, foi precisamente durante o confinamento que fiz a verificação de como é importante para a minha vida esta companhia; ainda que distantes fisicamente, simplesmente fazendo memória daquilo que encontrei, dos seus rostos e dos diálogos que tinha tido, no fim do dia estava contente. Só através duma companhia que te remete para Cristo é que se pode viver assim. Seguramente, as minhas quedas serão muitas, mas tenho a certeza de só me poder reerguer permanecendo ligada a este lugar e a esta companhia onde Cristo se torna presente para mim.

É fácil. O que quer que aconteça só o podemos enfrentar continuando ligados a este lugar. Que tu te tenhas dado tempo para uma verificação, antes de te inscreveres na Fraternidade, como nos contas, diz muito sobre a seriedade com que percorreste este caminho até aderir plenamente, consciente e livre, precisamente porque experimentaste que participando num lugar assim a vida adquire um gosto que não encontravas antes, tanto assim que estavas insatisfeita, cansada ou desconfiada. Teres encontrado olhos luminosos dá-te uma energia que antes não encontravas. É esta a modalidade, que tu reconheceste, através da qual Cristo te agarrou e te agarra agora. Mas a decisão de sermos filhos é uma decisão que é preciso tomarmos.

Para mim, foi sempre um drama viver o tempo, observar o seu correr com a impressão de ser uma espectadora enquanto ele passa, vazio e sem significado. E é por isso que procuro com todas as minhas forças um significado, procuro preencher o tempo com coisas. Este verão foi assim: segui as minhas paixões e as minhas vontades, fiz tantas coisas belíssimas que seguramente me enriqueceram. Mas houve um facto que me atormentou durante todo o verão: uma rapariga da casa dos Memores onde vivo foi operada. Nada de grave, mas era um facto que nos interpelou a todas. Mesmo até o pouco que me foi pedido, vivi-o com dificuldade, como um peso. Porquê? Porque era verão, tinha uma data de projetos dos

quais esperava tanto. Dei-me conta que de facto aquilo de que eu tinha medo é de não ter vida. Parece-me demasiado “arriscado” viver suspensa no instante, esperando receber a vida do Único que de facto, surpreendendo-me, pode dar-ma. “Dar-me a vida” realizando os meus projetos muitas vezes parece-me mais seguro, mais sólido. Experimentei o que é viver apoiada naquela Presença, que me torna livre e me faz arder o coração de desejo onde quer que esteja. O meu coração sabe quando “se está a bastar” e anseia, grita com um grito irreprimível. Uma coisa que me está a ajudar a perceber-me, e ao mesmo tempo me está a provocar como nunca antes, é o ponto sobre a conversão de O Brilho dos olhos: “Não expressão de si, mas conversão de si” (pag 91). Eu, de boa fé, sempre pensei que a frase “a glória de Deus é o homem que vive” quisesse dizer exatamente que a glória de Deus é a expressão de mim, o tornar-me cada vez mais eu própria, com todos os meus interesses e paixões. Mas se é assim, então porquê toda aquela tristeza quando escapei daquela ligação com as companheiras com quem vivo? Dei-me conta que se não sou séria com a fé, isto é, com aquela Presença que tem a ver com a minha vida e com os rostos que todos os dias a tornam viva, e “imponente” para mim, não tenho nada para dizer, não tenho consistência, nada daquilo que eu faço tem consistência. Que arrepio inacreditável estar diante desta evidência! Porque a minha liberdade é desafiada de modo cada vez mais dramático e, no entanto, muitíssimas vezes tenho só o problema de me sentir viva realizando alguma afirmação de mim, mais do que decidir-me por Quem me torna verdadeiramente viva. Muitas vezes este decidir-me coincide com estar atenta àquilo que existe, e quando por graça isto acontece, então sinto-me verdadeiramente livre e feliz, muito mais do que antes, porque estou à espera, certa, de um Outro, não de mim de quem não posso esperar nada de muito novo. Que gratidão por ter encontrado o Movimento, porque para mim, assim como sou e neste nosso presente, há um caminho! E que gratidão pelo facto de ter este desejo cada vez maior de percorrer este caminho, sem me medir, mas feliz que exista, porque me vejo mudar e creio que para mim o melhor ainda está para vir. Com o coração cheio de gratidão pela tua amizade, agradeço-te.

“Parece-me demasiado “arriscado” viver suspensa no instante, esperando receber a vida do Único que de facto, surpreendendo-me, pode dar-ma”. Por isso tantas vezes procuramos a nossa satisfação nalguma coisa mais segura, ao alcance da mão, ou seja, na expressão de nós. Como é diferente quando, sem negar nada, fazemos experiência daquela Presença que nos enche cem vezes mais: “Que arrepio inacreditável estar diante desta evidência!”. Isto fez com que desses conta do quanto ser filha implica a tua liberdade: “A minha liberdade é desafiada”. Porque só assim Deus pode entrar na tua vida, Deus não quer impor-se apesar de nós, quer entrar nas nossas vidas nas pontas dos pés. E é tão decisivo deixá-lo entrar porque te deste conta que decidir-te por Quem te torna viva é o caminho que queres percorrer. Dizia Giussani no texto que lemos na Jornada de Início de Ano: “Eu não consigo encontrar um outro índice de esperança a não ser a multiplicação destas pessoas que são presenças. A multiplicação destas pessoas; e uma inevitável simpatia [...] entre estas pessoas»: (cit in *Vês só aquilo que admiras* pag 34). Mas a nós, muitas vezes, mais uma vez, isto parece muito pouco; no entanto, é sempre o método de Deus que nos desafia para nos acompanhar, como vimos também neste Verão.

Gostaria de te contar a experiência muito especial que estou a fazer ao ler o livro "O Abraço". Desde muito jovem, sempre "devorei" livros. Pela primeira vez ao ler este livro, só consigo "olhar" algumas linhas de cada vez, porque me põe diante, de maneira imponente, toda a grandeza e beleza que encontrei há trinta e seis anos e que tenho diante de mim agora. Preciso de tempo para olhar, saborear, conhecer de novo esta "estranha companhia" que pensava já conhecer. O que me "prende" também na leitura é como o Mistério me está a dar novamente agora aquilo que me aconteceu, fazendo explodir no

meu coração um desejo inesperado de conhecer e ao mesmo tempo de comunicar (só agora intuo como essas duas "coisas" estão unidas!) aquilo que aconteceu comigo e ao qual dei a minha vida. Dou apenas um exemplo sobre a caritativa. Há algum tempo que tenho o grande desejo de a retomar. Lendo a parte sobre as Bocatás (a caritativa dos amigos espanhóis de que fala Azurmendi), este desejo surgiu dentro de mim e comoveu-me, a ponto de imaginar, com alguns vizinhos, propor uma ajuda - exatamente durante a emergência que persiste - para as muitas pessoas idosas que moram no meu grande condomínio. Não sei se e como isso será viável, mas intuí que este desejo é irreprimível porque realmente deslocou o meu olhar de mim (como estar diante da incerteza do trabalho, da saúde debilitada, tudo aquilo que não sou capaz de fazer) para a necessidade que tenho de comunicar a todos a beleza que encontrei (como nos testemunhou Xiao Ping na Tracce/Passos) e que este livro me está a fazer "admirar" em detalhes e particulares inesperados a ponto de me fazer reapropriar deles de uma forma completamente nova e "contemporânea". Tudo isto começou durante o Meeting após o testemunho do vídeo do Mikel, por isso imagina a surpresa quando foi reproposto na Jornada de Início de Ano: ajudaste-me a perceber um pouco mais a origem, o método e o caminho que esta "admiração" me está a impor (como foi para o cego de nascença) e também se joga em mim toda a luta contra o niilismo que está sempre à espreita para me impedir de ver. Obrigado Julian por não te cansares de sustentar o meu "sim" a Cristo, preocupando-te com todo o meu destino!

Esta é a graça que o Mistério nos dá dando-nos amigos como o Mikel, que todos temos diante dos nossos olhos, tal como outros tinham o cego de nascença. Temos entre nós muitas destas pessoas que são presenças. Isto, a multiplicação destas presenças é – diz Giussani – a esperança, porque este foi sempre o método de Deus.

Queria concluir o nosso momento de Escola de Comunidade relendo algumas passagens do Evangelho de João, em que vemos que as obras que Cristo realiza – ouvimos o relato de muitas também esta noite – são, não factozinhos para pessoas mais ou menos ingénuas ou «devotas», mas sim o testemunho da Presença do Mistério, do Pai. Diz Jesus: “Se Eu der testemunho de Mim mesmo, o Meu testemunho não seria verdadeiro. É outro que dá testemunho de Mim e Eu sei que o testemunho que Ele dá de Mim é verdadeiro”. E qual é testemunho que Deus, o Pai, dá em Jesus? “As obras que o Pai Me deu para consumir, as obras que realizo, dão testemunho de que o Pai Me enviou” Jo5, 31-32.36.) Aqueles factos, ainda que pequenos (por exemplo: para aqueles que conviviam com Jesus, o cego de nascença; para nós, os factos relatados esta noite), são a prova do testemunho que o Pai dá através da obra de Jesus no meio de nós, por obra do Espírito Santo. “As obras que o Pai Me deu para consumir, as obras que realizo, dão testemunho de que o Pai Me enviou”. É isto que aumenta em nós a confiança necessária para enfrentar a situação trepidante que estamos a viver. Nós não estamos só diante de certos factozitos, estamos diante de uma Presença que pode ser verificada através destes factos que podemos tocar com as nossas mãos. São factos que nos tornam cada vez mais conscientes que é Cristo que neles testemunha a presença do Pai e assim O torna familiar para nós. “O homem Jesus de Nazaré”, diz *don* Giussani numa frase que sempre me impressionou, “investido do mistério do Verbo e por isso assumido na mesma natureza de Deus (mas a sua aparência era absolutamente igual à de todos os homens) – este homem não O viam fazer um único gesto sem que a sua forma demonstrasse a consciência do Pai” (cit in *O brilho dos olhos*, pag 109).

Muitas das coisas que ouvimos esta noite, nos diversos testemunhos, provam que elas não teriam acontecido, e nós não as poderíamos ter identificado se não fosse porque, exatamente pela forma como aconteceram, demonstram a consciência do Pai, ainda que inicial, naqueles que as viveram. Insistindo sobre aquilo que caracterizava a

autoconsciência do homem Jesus, Giussani introduz-nos assim ao mistério destes sinais. Jesus estava consciente de que todo o seu valor dependia da relação que vivia com o Pai, e que fora desta relação nada teria durado nem teria tido consistência. Penso que não temos nada mais interessante para ouvir do que aquilo que ouvimos esta noite precisamente devido ao momento que estamos a viver.

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira, dia 18 de novembro, às 21h, via vídeo link. Como já tínhamos comunicado, trabalharemos sobre a Jornada de Início de Ano e sobre o capítulo 6º do livro *O brilho dos olhos*. Este 6º capítulo é particularmente decisivo para nós porque somos convidados, como já começamos a ver esta noite, a tomar consciência do carisma que encontrámos e como ele é decisivo para que a experiência de ser "filhos no Filho" se torne uma experiência quotidiana, carnal, histórica para cada um de nós. Na Jornada de Início de Ano, citando *don Giussani*, dissemos: «“A forma extrema com que podemos ser tocados pelo permanecer de Cristo na história é aquela segundo a qual o Espírito Santo, o Espírito de Cristo, nos faz encontrar alguém que, ao segui-lo, a fé se torna mais clara, e a afeição à fé mais facilmente intensa, e a vontade de difundir o Reino de Cristo mais consciente e mais facilmente criativa. Isto chama-se carisma: é o acontecimento do carisma».” (Cit.. in *Vês só aquilo que admiras*, pag 37). Sem isto, nenhum de nós estaria aqui esta noite. Como é que o acontecimento do carisma se documenta hoje, para cada um de nós, na situação particular em que temos que viver? Temos este mês para o intercetar quando acontece.

Pandemia e vida das comunidades. Todos estamos a ver a evolução da propagação do contágio na Europa e no mundo, e temos de ter em conta as regras que voltam gradualmente a determinar o nosso quotidiano. Por isso - como sempre temos dito nos últimos meses - convido todos a, em primeiro lugar, observar escrupulosamente as normas emanadas das autoridades, sem exceção, com uma atitude de grande prudência e atenção. Muitas vezes, a tentação de nos considerarmos superiores a estas regras ou de nos movermos de maneira superficial esconde, na verdade, um juízo não expresso: "Se faltam certas modalidades, não é possível fazer plenamente a experiência do Movimento ou, no máximo, vive-se, mas um pouco menos". Mas, como ouvimos esta noite, a vida não acontece menos, pelo contrário, o Mistério pode surpreender-nos dando-a de uma forma absolutamente imprevisível para nós. Por isso não imponhamos nenhuma medida à Sua criatividade para nos alcançar, como vemos continuamente. Como dissemos na Jornada de Início de Ano, temos de nos desafiar e ajudar sobre isto. Dissemos: “O respeito pelas regras não pode ser objeção a uma vida que vive, mas antes uma grande oportunidade para exprimir a criatividade e a originalidade que surgem da experiência que vivemos”. E a respeito dos nossos gestos dizíamos: Se um gesto é algo que tem a capacidade de me tocar, de me mudar, o que é que permite que essa mudança aconteça? O que é que move o íntimo do nosso eu? Só a presença física em si mesma é que é capaz de o fazer?”. Deixo-vos de novo estas perguntas, para que todos possam pôr à prova o método da experiência para responder de uma forma verdadeiramente humana. Porque o Mistério rompe constantemente todas as nossas medidas.

Tracce/Passos “*Quem tem um amigo dá de presente um tesouro*”. Este é o título da nova campanha de assinaturas da *Tracce*. A *Tracce* é uma forma muito simples de testemunhar e comunicar o tesouro que nos aconteceu. E depois da conveniência que todos experimentámos nos últimos meses, agora queremos oferecer a todos a mais ampla possibilidade de conhecer a *Tracce*. Lançámos por isso uma iniciativa extraordinária de divulgação, oferecendo aos subscritores a oportunidade de darem uma assinatura a um novo amigo a um preço muito vantajoso: apenas 15 euros.

O movimento propõe a todos apoiarem estes dois gestos nos próximos meses: Em primeiro lugar, o Dia Nacional do Banco Alimentar, que terá lugar no sábado, 28 de novembro. Dada a situação, a proposta que o Banco Alimentar faz este ano é necessariamente diferente daquela a que todos estamos habituados – como veem é preciso uma criatividade para não nos deixarmos perder nestes dias –: não se propõe “fazer uma compra extra”, mas sim comprar cartões na caixa do supermercado, que depois serão transformados em alimentos que o Banco vai distribuir. No site www.bancoalimentare.it encontrarão todas as informações úteis para saber como podem participar. Cada um poderá de forma criativa, e de acordo com o que as regras permitirem, dar de si em tantos pequenos gestos na primeira pessoa, dar a conhecer mais o que é o Banco Alimentar, qual a sua origem, contá-lo: do convite para o encontro, ao convite para participar na recolha, passando por explicar como será proposto este ano, envolvendo vizinhos, colegas de escola, colegas de trabalho, etc, porque a necessidade será sempre mais exigente.

O outro gesto é a Campanha Tendas AVSI que este ano terá como título: *Alarga o olhar. A esperança ao pé de quem precisa*. Apoiará projetos no Burundi, Líbano, México, Camarões, Síria e Itália (para apoiar 3.400 famílias italianas em dificuldade devido ao Covid).

A indicação para quem deseja organizar eventos de apoio à Campanha Tendas é entrar em contato com a AVSI, para verificar se o evento que foi planeado respeita todas as condições previstas na legislação e regulamentação em vigor. Para isso, podem escrever para o e-mail retesostenitori@avsi.org ou ligar para o +39 3493093100. Ainda que com todas as limitações que haverá, convido todos a envolverem-se, nas formas que, em conjunto com a AVSI, sejam consideradas mais adequadas, para que também neste ano especial as Tendas continuem a ser uma grande oportunidade de encontro com todos.

O Banco Alimentar e as Tendas AVSI são dois gestos simples, que nos ajudam a tornarmos-nos mais conscientes do significado do encontro que fizemos – e da necessidade que temos nós destes gestos, não só os outros, para nos educarem à caridade –, para nós e para o mundo inteiro. Só a surpresa desta descoberta pode levar-nos a envolver-nos com tudo de nós e a envolver as pessoas que nos rodeiam, para que do brilhar do nosso rosto se reabra para todos um pedido de verdade e a luz de uma esperança verdadeira.

Veni Sancte Spiritus
Boa noite a todos!